

## **CORPO E DEFICIÊNCIA: O CONFRONTO ENTRE OS CONCEITOS ESPONTÂNEOS E CIENTÍFICOS\***

**Maria do Carmo Castiglioni\*\***

---

CASTIGLIONI, M.C. Corpo e deficiência: o confronto entre os conceitos espontâneos e científicos.  
*Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.10, n.1, p.17-21, jan./abr., 1999.

**RESUMO:** O principal interesse ao realizar essa pesquisa foi apreender a concepção de pessoa portadora de deficiência física que futuros terapeutas ocupacionais têm e como essa concepção pode ser transformada ou não, tendo em vista o contato com conceitos científicos veiculados no Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Parte-se do pressuposto de que há aversão ao corpo da pessoa portadora de deficiência física, e que esta foi construída espontaneamente na vivência dos alunos, dentro da lógica dos valores sociais dominantes e que esta postura não se harmoniza com a atuação profissional. Para obtenção dos dados, utilizou-se questionários e entrevistas com alunos - antes e depois - de uma disciplina específica: "Terapia Ocupacional Aplicada às Funções Corporais e suas Alterações I".

**DESCRITORES:** Reabilitação. Pessoas deficientes, reabilitação. Terapia ocupacional.

---

### **INTRODUÇÃO**

**E** escolhi Vygotski para a elaboração das premissas necessárias para abordar o problema em estudo: opiniões e atitudes em relação ao corpo da pessoa portadora de deficiência física. Desta forma, inicio apresentando alguns aspectos

referentes à formação de conceitos científicos na concepção vygotskiana.

Um conceito não se forma pela interação de associações, mas mediante uma operação intelectual em que todas as funções mentais superiores participam

---

\* Este artigo é uma reprodução parcial da dissertação de mestrado: "Formar-transformar: o corpo discente frente ao corpo deficiente." PUC -SP, 1994.

\*\* Professora Assistente do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Mestre em Psicologia da Educação.

**Endereço para correspondência:** Maria do Carmo Castiglioni. Centro de Docência e Pesquisa em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Rua Cipotânea, 51 - Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira. 05360-160. São Paulo, SP. e-mail: [centroto@edu.usp.br](mailto:centroto@edu.usp.br)

de uma combinação específica. Essa operação é mediada pelo uso da palavra, meio privilegiado para centrar ativamente a atenção, abstrair determinados traços, sintetizá-los e simbolizá-los por meio de um signo. Para VYGOTSKY (1984)<sup>4</sup>:

*"... um conceito é mais que a soma de certas conexões associativas formadas pela memória, é mais do que um simples hábito mental, é um ato real e complexo de pensamento" (p.71).*

Postula, porém, uma distinção entre os conceitos - destacando dois tipos: os conceitos espontâneos e não espontâneos, ou seja, os científicos.

"Consideremos, por exemplo, o conceito "gato". Este conceito, construído no dia-a-dia pela criança pequena, não é a mesma coisa do conceito de 'ser vivo' aprendido nas aulas de ciências (...). O conceito 'ser vivo': (...), promove intencionalmente uma percepção mais ampla, mais abstrata e mais generalizante do que o conceito 'gato' (...). Este é mais restrito, (...) pois se refere exclusivamente ao objeto 'gato', sem incluí-lo num sistema conceitual de abstrações graduais, onde 'ser vivo' é o conceito de maior generalidade. Por esta razão, a instrução escolar assume um papel fundamental ao propiciar a construção de conceitos científicos, incluindo-os em um sistema hierárquico de abstrações. Quando a criança toma consciência deste sistema conceitual e é capaz de localizar nele o lugar de cada conceito, seu raciocínio ganha muito maior flexibilidade e agilidade" (DAVIS; OLIVEIRA, 1990)<sup>2</sup>.

O conceito espontâneo tem como origem o confronto com uma situação concreta; já o conceito científico envolve, desde o início, uma atitude 'mediada' em relação ao seu objeto, que permite sua inserção em um sistema conceitual de representação. Assim, a diferença psicológica principal entre os dois conceitos está no fato de que os espontâneos, ainda que marcados pela riqueza da experiência pessoal, carecem de um sistema conceitual que permita sua organização. Por outro lado, os conceitos científicos aprendidos, a despeito de abstratos, encontram-se inseridos em relações de generalidade, isto é, em um sistema conceitual.

Assim, cabe ao conceito espontâneo ascender a níveis mais abstratos e aos conceitos científicos 'descer' até níveis mais concretos. Quando os dois conceitos

se encontram, o espontâneo perde seu caráter fragmentado e isolado, visto inserir-se em um sistema conceitual, enquanto o científico ganha concretude, por apoiar-se na experiência própria do sujeito. Esse sistema torna-se cada vez mais complexo, constituindo o meio através do qual a consciência se amplia e os processos mentais operam. Com isso, a construção dos conceitos científicos acaba, de acordo com VYGOTSKY<sup>6</sup> propiciando aos conceitos espontâneos, a possibilidade de alcançar níveis superiores de consciência reflexiva. Ao mesmo tempo, estes últimos, ao fornecerem uma base vivencial aos conceitos científicos, fazem com que esses ganhem maior legitimidade e coerência, abrindo, inclusive, brechas para mudanças no pensar e no agir.

Neste trabalho, considero como conceito espontâneo a visão que os alunos têm da pessoa portadora de deficiência física, antes do curso, visão essa que se constitui no e pelo viver social e que na maioria das vezes, é preconceituosa. Entendemos de igual modo, como conceito científico, a visão de que a pessoa portadora de deficiência física é muito mais do que seu problema, segundo VASCH (1988)<sup>4</sup>, é um indivíduo com possibilidades para vivenciar muitas e diferenciadas experiências, crescer, amadurecer e se auto-realizar, na medida em que aglutina esforços para se tornar mais equilibrado e centrado na vida, deixando de dispendar energia na tentativa de ser normal.

## **PROCEDIMENTOS**

Foi aplicado um questionário inicial aos alunos matriculados na disciplina "Terapia Ocupacional Aplicada às Funções Corporais e suas Alterações I" no I semestre de 1993 - objetivando cumprir tripla função:

- 1- identificar os conceitos espontâneos sobre a visão de corpo, visão de deficiência física, elementos facilitadores e/ou restritivos ao contato com o corpo do indivíduo portador de deficiência física;
- 2- agrupar os respondentes de acordo com níveis de explicitação dos conceitos espontâneos, quanto à facilidade ou dificuldade em lidar com o corpo do indivíduo portador da deficiência física;
- 3- selecionar para a entrevista, as alunas que foram identificadas nos questionários, como apresen-

tando um relato onde se percebe maior facilidade e maior dificuldade em lidar com o corpo do deficiente físico.

Elaborou-se um roteiro semi-estruturado de entrevista, de modo a facilitar a tarefa do pesquisador ao garimpar os sentimentos, emoções e preconceitos nos relatos alcançados que, em conjunto e estreita articulação, parecem compor a base da concepção de deficiência física.

As entrevistas foram feitas depois de concluída a disciplina. Todas foram gravadas, com a anuência dos participantes da pesquisa e transcritas para posterior interpretação das informações alcançadas.

Realizou-se uma primeira leitura de cada entrevista a fim de identificar os fatos e/ou aspectos que foram determinantes na formação e eventual transformação da postura frente à pessoa portadora de deficiência física.

A partir desta leitura, organizou-se os dados obtidos em três categorias de análise:

- 1- visão de corpo;
- 2- visão de deficiência física;
- 3- elementos facilitadores e/ou restritivos ao contato com o corpo do indivíduo portador de deficiência física.

Em seguida, elaborou-se uma síntese inicial de cada categoria, para depois estabelecer uma síntese geral dos dados coletados, apontando como esses se articulam entre si, formando a concepção de deficiente físico.

## **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Convém comentar, em separado, os conceitos abordados nesta pesquisa<sup>(1)</sup>.

### **QUANTO AO CORPO**

Comparando as noções referentes ao corpo nos documentos desta pesquisa, pode constatar, no questionário, que a compreensão do corpo, enquanto máquina ou instrumento, é a que predomina. Já nas

entrevistas, embora apareça o corpo máquina, o que predomina é a preocupação de considerar outros aspectos relativos ao corpo, como indissociáveis da psique, expressão do eu. Tal constatação remete-nos à própria evolução do pensamento ocidental. Inicialmente, a elaboração da idéia de corpo era fornecida pela principal ciência: a Mecânica. Como consequência, o corpo era pensado como máquina, como bem atestam as colocações de Descartes. Fomos condicionados, durante gerações, a identificar o corpo como tal, separando mente - corpo, estabelecendo clara diferença entre ambos e relacionando-os hierarquicamente. Mais recentemente, no entanto, as atitudes culturais voltadas para o corpo parecem estar passando por uma transformação onde se pode estabelecer uma relação de identidade e igualdade entre corpo e psique - o EU. Esse caminho da busca de recomposição do corpo e da alma parece ser também trilhado pelos alunos.

Para existir esse caminho, é fundamental entender que o corpo, além de uma identidade mecânica, também se socializa cotidianamente na abrangência das suas atividades, e as atitudes emocionais, determinadas pelas situações vitais, ocorrem também no corpo. Portanto, abordá-lo enquanto unidade, significa a produção de um conceito que exige a capacidade de abstração e de reflexão sobre as questões que se colocam em relação ao corpo.

### **QUANTO À VISÃO DE DEFICIÊNCIA FÍSICA**

As categorias que se abrem no questionário consideram a pessoa portadora de deficiência física "como uma pessoa normal", o que revela, em meu entender, uma atitude que tende a tratar a situação superficialmente, não se envolvendo com a complexidade da questão, as barreiras arquitetônicas e atitudinais que se colocam no seu cotidiano. Nessa dinâmica, configurou-se um 'mecanismo de defesa' em relação à pessoa portadora de deficiência física, difícil de admitir, pois, afinal de contas, o que estariam fazendo num Curso de Terapia Ocupacional?

Ao admitir a limitação ao corpo, os participantes também atribuem um valor pejorativo ao mesmo, levando conseqüentemente à limitação da pessoa. A redução

<sup>(1)</sup> Descrições detalhadas, bem como outros dados que sustentam a discussão apresentada neste artigo, estão nos capítulos V e VI na dissertação da autora.

da pessoa, por exemplo, pode se dar se esta for comparada a uma máquina que não funciona bem. Contudo, encontram-se conceitos espontâneos que não se centram em um único aspecto do indivíduo portador de deficiência física, vendo neles possibilidades de recuperação e não apenas aspectos desviantes, que se constituem em problemas. Num dos questionários, o aluno coloca que “o deficiente físico é uma pessoa que se encontra diante de uma limitação do corpo físico e precisa aprender (reaprender) quais são suas possibilidades”.

Nas entrevistas, as alunas puderam falar sem censura de seus medos, mal-estar e dúvidas, explicitando que viam o deficiente físico como uma “pessoa”, evitando recair em estereótipos, ainda que cientes do processo de marginalização que esses são submetidos, fato que os fragiliza e segrega.

#### **QUANTO AO CONTATO COM O PORTADOR DE DEFICIÊNCIA FÍSICA**

Com relação aos elementos facilitadores e/ou restritivos ao contato físico, constatei primeiramente, nos questionários, uma idealização da profissão de terapeuta ocupacional, visto entenderem que ela assegura ao profissional um poder de uma força que lhes possibilitam melhorar a vida das pessoas. Verificou-se, também, percepções de que a culpa pela aversão ao contato era atribuída ao outro - o indivíduo portador de deficiência física - caso este não desejasse. Encontrei, ainda o reconhecimento da dificuldade do contato físico com o portador de deficiência física, em razão da proximidade gerar sentimentos como ansiedade, angústia, pena e medo.

Nas entrevistas verifiquei que os conceitos iniciais encaminham-se, ainda que lentamente, para a resolução do problema. Esse fato aponta um nível de desenvolvimento mais elevado, na medida em que a interação dos conceitos espontâneos e científicos parece estar se processando, gerando novas formas de ver e lidar com o indivíduo portador de deficiência física.

Em outras palavras, os alunos parecem estar começando a sentir necessidade de romper com o modelo biomecânico vigente que:

*“... perde freqüentemente de vista o paciente como ser humano e (...) reduz a saúde a um funcionamento mecânico (desconside-*

*rando) a complexa interação entre os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais da condição humana” (CAPRA, 1982, p.116-7)<sup>1</sup>.*

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A discussão em sala de aula tem contribuído para os alunos estruturarem seus conceitos espontâneos e organizá-los num sistema conceitual mais abrangente, numa construção paulatina e contraditória que, partindo de generalizações, encaminha-se para uma nova consciência. No caso, admitem a ambigüidade (em graus variados) em relação à pessoa portadora de deficiência física e como futuros profissionais acham fundamental lidar com esse fenômeno.

Assim, os participantes da pesquisa estão realizando uma profunda revisão psicológica dos temas aqui abordados. Têm feito um árduo trabalho de contraposição rejeição/aceitação da pessoa portadora de deficiência física. Estão formando/transformando seus conceitos pertinentes à questão.

Notou-se uma busca no sentido de alcançar uma forma para superar o preconceito, a ansiedade, etc., atribuindo como meios eficazes para tanto - o estabelecimento de vínculo na relação terapêutica e o respaldo teórico. Reforça esse aspecto a necessidade apontada de se contar com um enfoque mais amplo que “vá além da técnica e da ciência e contemple a integração mente-corpo” como forma de transcender a dicotomia instalada no próprio seio da Terapia Ocupacional.

Cabe acrescentar, que estamos no meio da estrada, no meio de um processo onde acontece o confronto entre os conceitos espontâneos e científicos. Evidentemente, a transformação da atitude envolve muitos outros aspectos como maturidade, princípios filosóficos, disponibilidade afetiva, além de conhecimento na área e sua própria superação. Há, ainda, que lembrar que estamos transitando no universo da fantasia, visto as visões aqui relatadas serem meramente virtuais, uma vez que os alunos tiveram pouco contato com um portador de deficiência física.

Contudo, criou-se um espaço para a reflexão de como contornar o problema da aversão ao corpo que desvia do esperado, em cursos de formação profissional em terapia ocupacional, investindo assim, numa reconstrução ética da mesma.

---

CASTIGLIONI, M.C. Body and handicap: the confrontation between the spontaneous and scientific concepts. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.10, n.1, p.17-21, jan./abr., 1999.

**ABSTRACT:** The main interest in doing this research was to understand the conception that future occupational therapists have of people with a physical handicap and how this conception can be transformed or not, bearing in mind the contact with scientific concepts during the course of "Occupational Therapy at Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo". Beginning with the presumption that there is aversion toward the body of a physically handicapped person, and that this aversion came about spontaneously in the daily life of the students, from the logic of dominating social values, this attitude is not suitable for an adequate professional performance. To obtain the data, questionnaires and interviews were used with the students, before and after a specific subject: "Occupational Therapy Applied to Body Functions and its Alterations I".

**KEY WORDS:** Rehabilitation. Disabled persons, rehabilitation. Occupational Therapy.

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAPRA, F. *O ponto de maturação*. São Paulo : Cultrix, 1982.
2. DAVIS, C. *Psicologia na educação*. São Paulo : Cortez, 1990.
3. SCHILDER, P. *A imagem do corpo. As energias construtivas da psique*. São Paulo : Martins Fontes, 1980.
4. VASCH, C. *Enfrentando a deficiência*. São Paulo : Pioneira/EDUSP, 1988.
5. VYGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo : Martins Fontes, 1984.
6. VYGOTSKI, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo : Martins Fontes, 1991.

Recebido para publicação: 18/12/1998

Aceito para publicação: 23/01/1999